

No jardim do ogre

Leïla Slimani

No jardim do ogre

Tradução de Tânia Ganho

ALFAGUARA


Para os meus pais

*Não, não sou eu. É outra pessoa qualquer que sofre.
Eu... eu não teria conseguido sofrer tanto.*

ANNA AKHMATOVA,
Requiem

*As vertigens não são o medo de cair. É a voz do vazio
por debaixo de nós que nos enfeitiça e atrai, o desejo
de cair, do qual, logo a seguir, nos protegemos com
pavor. Sentir vertigens é ficar inebriado com a própria
fraqueza. Temos consciência da nossa fraqueza e não
queremos resistir-lhe mas, sim, abandonar-nos a ela.
Embriagamo-nos com a nossa própria fraqueza,
queremos ser ainda mais fracos, queremos desmoronar
em plena rua diante de toda a gente, queremos estar
por terra, ainda mais baixo do que a terra.*

MILAN KUNDERA,
A Insustentável Leveza do Ser

Há uma semana que ela resiste. Há uma semana que não fraqueja. Adèle tem-se portado bem. Em quatro dias, correu trinta e dois quilómetros. Foi de Pigalle aos Campos Elísios, do Museu de Orsay a Bercy. Correu de manhã nas margens desertas do rio. À noite, no boulevard Rochechouart e na Praça de Clichy. Não bebeu álcool e deitou-se cedo.

Mas, nessa noite, sonhou e, depois, não foi capaz de voltar a adormecer. Um sonho húmido, interminável, que se introduziu nela como um sopro de ar quente. Adèle já não consegue pensar em mais nada. Levanta-se, bebe um café muito forte na casa adormecida. De pé, na cozinha, muda o peso do corpo de um pé para o outro. Fuma um cigarro. No duche, tem vontade de se arranhar, de rasgar o corpo em dois. Bate com a testa na parede. Quer que a agarrem, que lhe partam o crânio contra o vidro. Assim que fecha os olhos, ouve os barulhos, os suspiros, os gritos, os golpes. Um homem nu que arqueja, uma mulher que se vem. Gostaria de ser um mero objecto no meio de uma horda, ser devorada, chupada, engolida de um trago. Gostaria que lhe beliscassem as mamas, que lhe mordessem a barriga. Quer ser uma boneca no jardim de um ogre.

Não acorda ninguém. Veste-se no escuro e não se despede. Está demasiado nervosa para sorrir a quem quer que seja, para iniciar uma conversa matinal. Adèle sai de casa e percorre as ruas vazias. Desce as escadas do metro Jules-Joffrin, de cabeça baixa, nauseada. Na plataforma, um rato passa a correr por cima da biqueira da sua bota e sobressalta-a. Na carruagem, Adèle olha em redor. Um homem de fato

barato observa-a. Tem uns sapatos pontiagudos mal engraxados e mãos peludas. É feio. Poderia servir. Tal como o estudante que abraça a namorada e lhe dá beijos no pescoço. Tal como o cinquentão de pé, encostado ao vidro, que lê sem levantar os olhos para ela.

Adèle pega num jornal datado da véspera que estava no banco à sua frente. Folheia-o. Os títulos confundem-se, ela não consegue concentrar-se. Pousa-o, exasperada. Não pode continuar ali. O coração martela-lhe no peito, falta-lhe o ar. Afrouxa o cachecol, fá-lo deslizar pelo pescoço encharcado de suor e pousa-o num banco vazio. Levanta-se, abre o casaco. De pé, com a mão no puxador da porta, a perna assolada por tremores, está pronta para saltar.

Esqueceu-se do telefone. Senta-se novamente, esvazia a carteira, deixa cair um estojo de base, puxa um sutiã no qual se enredaram os seus auscultadores. Não foi prudente, aquele sutiã, pensa. Não se pode ter esquecido do telefone. Se o fez, terá de voltar a casa, arranjar uma desculpa, inventar qualquer coisa. Mas não, ali está ele. Sempre ali esteve, ela é que não o viu. Arruma a carteira. Tem a impressão de que toda a gente a observa. Que a carruagem inteira troça do seu pânico, das suas faces a arder. Abre o telefonezinho com tampa e ri-se ao ver o primeiro nome.

Adam.

Seja como for, já está tudo lixado.

Ter vontade é, por si só, fraquejar. O dique rebentou. De que serviria conter-se? A vida não seria melhor por isso. De momento, raciocina como uma opiómana, como uma jogadora de cartas. Está tão contente por ter resistido à tentação durante uns dias, que se esqueceu do perigo. Levanta-se, empurra o trinco pegajoso para cima, a porta abre-se.

Estação Madeleine.

Atravessa a multidão que avança como uma vaga para se enfiar na carruagem. Adèle procura a saída. No boulevard

des Capucines, desata a correr. *Faz com que ele lá esteja, faz com que ele lá esteja.* Diante dos grandes armazéns, pensa em desistir. Podia apanhar o metro ali, a linha 9, que a levaria directamente ao escritório, a horas para a reunião da redacção. Dá voltas à entrada do metro, acende um cigarro. Aperta a carteira contra a barriga. Um bando de romenas avistou-a. Avançam para ela, de lenço na cabeça, com uma petição qualquer da treta nas mãos. Adèle acelera o passo. Mete pela rue Lafayette, alterada, engana-se na direcção, volta para trás. Rue Bleue. Compõe o código e entra no edifício, sobe as escadas como uma condenada e bate à porta pesada, no segundo andar.

– Adèle... – Adam sorri, com os olhos inchados de sono. Está nu.

– Não fales. – Adèle despe o casaco e atira-se para cima dele. – Por favor.

– Podias ter ligado... Ainda nem são oito horas...

Adèle já está nua. Arranha-lhe o pescoço, puxa-lhe os cabelos. Ele troça e excita-se. Empurra-a com violência, dá-lhe uma bofetada. Ela leva a mão ao sexo e penetra-se. De pé, contra a parede, sente-o entrar dentro de si. A angústia dissolve-se. Ela reencontra as suas sensações. A alma pesa-lhe menos, o seu espírito esvazia-se. Agarra nas nádegas de Adam, incute ao corpo do homem movimentos intensos, violentos, cada vez mais rápidos. Tenta chegar a um lugar qualquer, tomada por uma raiva infernal.

– Com mais força, mais força! – grita.

Conhece aquele corpo e isso irrita-a. É demasiado simples, demasiado mecânico. O facto de ter aparecido de surpresa não chega para sublimar Adam. O contacto não é nem suficientemente obsceno, nem suficientemente afectuoso. Pousa as mãos de Adam nas suas mamas, tenta esquecer que é ele. Fecha os olhos e imagina que ele a força.

Ele já está longe dali. O seu maxilar contrai-se. Vira-a. Como sempre, põe a mão direita na cabeça de Adèle,

empurra-a para o chão, agarra-lhe na anca com a mão esquerda. Dá-lhe grandes estocadas, arqueja, vem-se.

Adam tem tendência para se deixar arrebatado.

Adèle veste-se e vira-lhe as costas. Tem vergonha de que ele a veja nua.

– Estou atrasada para o trabalho. Depois ligo-te.

– Como quiseres – responde Adam.

Ele fuma um cigarro, encostado à porta da cozinha. Toca com uma mão no preservativo que lhe pende da ponta do sexo. Adèle evita fitá-lo.

– Não encontro o meu cachecol. Não o viste? É um cachecol cinzento, de caxemira, gosto muito dele.

– Procuro-o e dou-to da próxima vez.

Adèle assume um ar indiferente. O que importa é não dar a impressão de se sentir culpada. Atravessa o *open space* como se tivesse ido fumar um cigarro, sorri para os colegas e senta-se à secretária. Cyril tira a cabeça de dentro da sua gaiola de vidro. A voz dele é abafada pelo martelar dos teclados, pelas conversas telefónicas, as impressoras que cospem artigos, as discussões em redor da máquina de café. Ele berra.

– Adèle, são quase dez horas.

– Tive um compromisso.

– Pois, com certeza. Tens dois textos em atraso. Estou-me nas tintas para os teus compromissos! Quero-os daqui a duas horas.

– E tê-los-ás. Estou quase a acabá-los. Depois do almoço, pode ser?

– Estou farto, Adèle! Não vamos passar o tempo todo à tua espera. Temos uma edição para fechar, merda!

Cyril deixa-se cair na cadeira, abanando os braços.

Adèle liga o computador e põe o rosto entre as mãos. Não faz a mínima ideia do que vai escrever. Nunca se deveria ter comprometido a escrever o artigo sobre as tensões sociais na Tunísia. Pergunta-se por que carga de água levantou o braço na reunião da redacção.

Devia pegar no telefone. Ligar aos seus contactos *in loco*. Fazer perguntas, cruzar dados, instigar as fontes a despejar informações. Para isso, teria de sentir vontade de o fazer, de acreditar no trabalho bem feito, no rigor jornalístico acerca do qual Cyril está constantemente a encher-lhe

os ouvidos, logo ele, que está disposto a vender a alma por uma boa tiragem. Devia almoçar no escritório, com os auscultadores postos e as mãos no teclado sujo de migalhas. Comer uma sanduíche, enquanto esperava que uma adida de imprensa a rebentar de altivez lhe telefonasse a exigir ler o artigo antes de ser publicado.

Adèle não gosta do seu emprego. Odeia ter de trabalhar para viver. Nunca teve outra ambição na vida que não fosse ser vista. Tentou ser actriz. Ao chegar a Paris, inscreveu-se em aulas de teatro, nas quais se revelou uma aluna medíocre. Os professores diziam que tinha uns olhos bonitos e um certo ar misterioso. «Mas ser actriz é saber soltar-se, *mademoiselle*.» Esperou muito tempo em casa que o destino se cumprisse. Nada aconteceu como tinha previsto.

Teria adorado ser mulher de um homem rico e ausente. Ao contrário das hordas enraivecidas de mulheres activas que a rodeiam, Adèle teria gostado de passar os seus dias sem fazer nada, num casarão, sem preocupações a não ser pôr-se bonita quando o marido regressasse. Seria maravilhoso ser paga pelo seu talento para entreter os homens.

O marido ganha bem. Desde que entrou para o Hospital Georges-Pompidou, como clínico de gastroenterologia, multiplica as horas de banco e as substituições. Vão de férias com frequência e arrendam um grande apartamento na parte «boa» do 18.º bairro. Adèle é uma mulher mimada e o marido orgulha-se de ela ser muito independente. Ela acha que não basta. Que aquela vida é tacaña, mesquinha, sem envergadura. O dinheiro deles cheira a trabalho, a suor e a longas noites passadas no hospital. Sabe a críticas e a mau humor. Não lhe permite nem ócio, nem decadência.

Adèle entrou para o jornal graças a uma cunha. Richard é amigo do filho do director e falou-lhe dela. Isso não a incomodou. É o que toda a gente faz. No início, ela quis empenhar-se. Excitava-a a ideia de agradar ao patrão, de o surpreender com a sua eficácia, com a sua capacidade

de se desenhencilhar. Deu mostras de entusiasmo, de atrevimento, arranjou entrevistas com as quais ninguém se atrevia a sonhar na redacção. Depois, apercebeu-se de que Cyril era um tipo obtuso, que nunca lera um livro na vida e era incapaz de avaliar o talento dela. Começou a desprezar os colegas, que afogavam em álcool as suas ambições perdidas. Acabou por detestar o seu emprego, aquele escritório, aquele ecrã, todo aquele aparato idiota. Já não suporta ligar dez vezes a ministros que a tratam mal e acabam por soltar frases tão vazias como o tédio. Tem vergonha de adotar um tom melífluo para conquistar os favores de uma adida de imprensa. Tudo o que lhe importa é a liberdade que a profissão de jornalista lhe dá. Ganha pouco, mas viaja muito. Pode desaparecer, inventar encontros secretos, não tem de se justificar.

Adèle não telefona a ninguém. Abre um documento em branco, está pronta para escrever. Inventava citações de fontes anónimas, as melhores que conhece. «Uma fonte próxima do governo», «um frequentador assíduo dos arcanos do poder». Arranja um *lead* cativante, faz um pouco de humor para distrair o leitor que ainda acredita que foi ali para obter uma informação. Lê alguns artigos sobre o tema, resume-os, faz cortar/colar. Demora apenas uma hora.

– O teu artigo, Cyril! – grita, vestindo o casaco. – Vou almoçar, falamos quando eu voltar.

A rua está cinzenta, como que petrificada pelo frio. Os rostos dos transeuntes parecem cansados, com uma tez esverdeada. Tudo dá vontade de uma pessoa voltar para casa e se deitar. O mendigo à frente do Monoprix bebeu mais do que é hábito. Dorme, estendido em cima de uma boca de ventilação. Tem as calças puxadas para baixo, vêem-se-lhe as costas e as nádegas cobertas de crostas. Adèle

e os colegas entram num restaurante com o chão pouco limpo e, como sempre, Bertrand diz, um nadinha alto de mais:

– Tínhamos jurado não voltar cá, o dono é militante da Frente Nacional.

Mas acabam sempre por voltar, por causa da lareira e da boa relação qualidade-preço. Para não se entediar, Adèle faz conversa. Esfalfa-se a contar coisas, a reavivar mexericos esquecidos, a fazer perguntas aos colegas sobre os seus planos para o Natal. O empregado vem anotar o pedido. Quando lhes pergunta o que querem beber, Adèle sugere vinho. Os colegas abanam a cabeça sem convicção, exibem expressões marotas, fingem que não têm dinheiro para isso e que não é sensato.

– Pago eu – anuncia Adèle, que tem a conta a descoberto e a quem os colegas nunca ofereceram sequer um copo. Está-se nas tintas. Agora, é ela quem dá as cartas. É ela quem oferece bebidas e, depois de um copo de *saint-estèphe*, sente, naquele ambiente a cheirar a lareira, que eles gostam de si e estão em dívida para consigo.

São três e meia quando saem do restaurante. Estão um tanto moles devido ao vinho, à comida demasiado rica e à lareira que lhes perfumou os casacos e os cabelos. Adèle dá o braço a Laurent, cuja secretária fica em frente da sua. É alto, magro, e a dentadura de má qualidade dá-lhe um sorriso cavalhar.

No *open space*, ninguém trabalha. Os jornalistas dormitam atrás dos ecrãs. Pequenos grupos discutem ao fundo da sala. Bertrand mete-se com uma jovem estagiária que tem a imprudência de se vestir como uma actriz de cinema dos anos 50. No peitoril das janelas, arrefecem garrafas de champagne. Toda a gente espera a hora razoável para se embebedar, longe da família e dos verdadeiros amigos. No jornal,

a festa de Natal é uma instituição. Um momento de deboche programado, onde o objectivo é ir o mais longe possível, revelar o verdadeiro eu aos colegas com quem, no dia seguinte, se voltará a ter relações absolutamente profissionais.

Ninguém na redacção sabe, mas, no ano anterior, a festa de Natal atingiu os píncaros para Adèle. Numa noite, concretizou uma fantasia e perdeu toda a ambição profissional. Na sala de reuniões dos redactores-chefes, deitou-se com Cyril em cima da comprida mesa de madeira preta lacada. Beberam muito. Passou o serão junto dele, a rir das suas piadas, a aproveitar todos os instantes em que ficavam a sós para lhe lançar olhares tímidos e de uma doçura infinita. Fingiu que se sentia ao mesmo tempo terrivelmente impressionada e terrivelmente atraída por ele. Ele contou-lhe o que pensara dela da primeira vez que a vira.

– Achei-te tão frágil, tão tímida e bem-comportada...

– Uma reprimida, queres tu dizer?

– Sim, talvez.

Ela passou os lábios pela língua, muito depressa, como um pequeno lagarto. Ele ficou perturbado. A sala da redacção esvaziou-se e, enquanto os outros arrumavam os copos e recolhiam as beatas espalhadas, eles enfiaram-se na sala de reuniões, no andar de cima. Atiraram-se para cima um do outro. Adèle desabotoou a camisa de Cyril, que lhe parecia tão atraente quando ele era apenas seu patrão e lhe era, de certo modo, proibido. Mas, em cima da mesa preta lacada, Cyril revelou-se barrigudo e trapalhão. «Bebi de mais», disse, para justificar a erecção mole. Encostou-se à mesa, passou a mão pelos cabelos de Adèle e enfiou-lhe a cabeça entre as coxas. Com o sexo dele no fundo da garganta, ela reprimiu a vontade de vomitar e de morder.

E, no entanto, sentira desejo por ele. Acordava cedo todos os dias, para se pôr bonita, para escolher um novo vestido, com a esperança de que Cyril olhasse para si e, nos

seus dias bons, lhe fizesse inclusivamente um elogio discreto. Terminava os seus artigos antes do prazo, sugeria reportagens na outra ponta do mundo, chegava ao gabinete dele com soluções e nunca com problemas, tudo com o intuito único de lhe agradar.

De que servia trabalhar, agora que já o tivera?

Nessa noite, Adèle mantém-se longe de Cyril. Tem a certeza de que ele pensa nisso, mas a relação entre eles tornou-se muito fria. Não suportou as mensagens idiotas que ele lhe enviou nos dias seguintes. Encolheu os ombros quando ele lhe sugeriu timidamente irem jantar a um restaurante, uma noite. «Para quê? Sou casada e tu também. Só serviria para nos magoarmos, não achas?»

Nessa noite, Adèle não faz tentações de se enganar no alvo. Brinca com Bertrand, que lhe prega uma seca descrevendo-lhe ao pormenor, pela enésima vez, a sua colecção de bandas desenhadas japonesas. Ele tem os olhos vermelhos, de certeza que acabou de fumar um charro, e o hálito é ainda mais seco e ácido do que habitualmente. Adèle sai-se bem. Finge que suporta a documentarista obesa que, nessa noite, se permite um sorriso, quando normalmente a sua boca só exprime queixas e suspiros. Adèle está a aquecer os motores. O champanhe escorre a rodos, graças a um político a quem Cyril ofereceu um retrato elogioso na capa do jornal. Ela já não aguenta estar parada. Sente-se bonita e detesta a ideia de a sua beleza ser inútil, de a sua alegria não servir para nada.

– Não iam para casa, pois não? Vamos sair! Andem... – suplica a Laurent, com um olhar brilhante e tão entusiasta, que seria cruel recusar-lhe fosse o que fosse.

– Pessoal, 'bora lá? – pergunta Laurent aos três jornalistas com quem está a conversar.